

2

Passavam 7 minutos da meia-noite. O cão jazia no meio do relvado em frente da casa da Sr.^a Shears. Tinha os olhos fechados e parecia que estava a correr de lado, da forma como os cães correm quando sonham que estão a perseguir um gato. Mas o cão não estava a correr nem a dormir. O cão estava morto. Tinha uma forquilha espetada e os dentes desta deviam tê-lo trespassado completamente, cravando-se na terra, pois a forquilha mantinha-se de pé. Concluí que o cão provavelmente fora morto com a forquilha, pois eu não conseguia ver nele quaisquer outras feridas, e acho que ninguém ia espetar uma forquilha num cão depois de ele ter morrido por qualquer outra razão, como cancro, por exemplo, ou devido a um atropelamento. Mas eu não podia ter a certeza disto.

Atravessei o portão da Sr.^a Shears, fechando-o atrás de mim. Caminhei pelo relvado e ajoelhei-me ao lado do cão, colocando a minha mão sobre o seu focinho. Ainda estava quente.

O cão chamava-se *Wellington*. Pertencia à Sr.^a Shears, que era nossa amiga. Ela vivia do outro lado da rua, duas casas à esquerda.

Wellington era um caniche. Não um daqueles caniches pequenos, aos quais os donos fazem penteados, mas um caniche grande. Tinha pêlo preto encaracolado, contudo, quando nos aproximávamos, podíamos ver que a pele por baixo do pêlo era de um amarelo muito pálido, como a de um frango.

Fiz festas ao *Wellington* e interroguei-me sobre quem o teria morto e porquê.

O meu nome é Christopher John Francis Boone. Sei de cor todos os países do mundo, bem como as suas capitais, e todos os números primos até 7507.

Quando conheci a Siobhan, ela mostrou-me este desenho:



e eu percebi que significava «triste», que foi como eu me senti quando encontrei o cão morto.

Depois ela mostrou-me este desenho:



e eu soube que significava «feliz», como eu fico quando estou a ler sobre as missões espaciais da Apollo, ou quando ainda estou acordado às três ou quatro horas da manhã e posso andar na rua, para cima e para baixo, a fingir que sou a única pessoa no mundo inteiro.

Ela desenhou mais algumas imagens:



mas não fui capaz de dizer o que elas significavam.

Pedi à Siobhan que desenhasse muitos rostos destes e que escrevesse ao lado de cada um o seu significado exacto. Guardei o papel no meu bolso e tirava-o para fora quando não compreendia o que alguém estava a dizer. Mas era muito difícil decidir qual dos diagramas era o mais parecido com a expressão que as pessoas exibiam, porque o rosto das pessoas mexe-se muito depressa.

Quando contei à Siobhan que andava a fazer isto, ela pegou num lápis e noutra folha de papel e disse que era provável que isso fizesse as pessoas sentirem-se



e depois riu-se. Por isso rasguei a folha de papel original e deitei-a fora. E a Siobhan pediu desculpa. E agora, se não percebo o que alguém está a dizer, pergunto-lhes o que é que eles querem dizer, ou vou-me embora.

Arranquei a forquilha do cão, levantei-o nos meus braços e abracei-o. Ele estava a deitar sangue dos buracos deixados pelos dentes da forquilha.

Eu gosto de cães. Sabemos sempre o que um cão está a pensar. Tem quatro estados de espírito. Feliz, triste, zangado e concentrado. Além disso, os cães são fiéis e não dizem mentiras, porque não sabem falar.

Eu estava a abraçar o cão há já 4 minutos quando ouvi alguém gritar. Levantei os olhos e vi a Sr.^a Shears a correr na minha direcção, vinda do pátio. Estava em pijama e em roupão. Tinha as unhas dos pés pintadas de rosa-choque e estava descalça.

Ela gritava: — O que raio é que tu fizeste ao meu cão?

Eu não gosto que as pessoas gritem comigo. Faz com que eu tenha medo de que elas me batam ou me toquem e não sei o que vai acontecer.

— Larga o cão — gritou ela. — Larga o raio do cão, pelo amor de Deus.

Pousei o cão no relvado e recuei 2 metros.

Ela baixou-se. Pensei que ia pegar no cão ao colo, mas não o fez. Talvez tivesse reparado na grande quantidade de sangue que ele tinha e não quisesse sujar-se. Em vez disso, começou a gritar outra vez.

Tapei os ouvidos com as mãos, fechei os olhos e enrolei-me, até ficar todo curvado, com a testa em cima da relva. Esta estava molhada e fria. Era agradável.

Este é um romance policial sobre homicídio.

A Siobhan disse que eu devia escrever alguma coisa que eu próprio quisesse ler. Eu leio sobretudo livros sobre ciência e matemática. Não gosto de romances a sério. Nos romances a sério as pessoas dizem coisas como «Eu estou raiado de ferro, de prata e com riscas de lama vulgar. Não consigo contrair-me num punho firme como aqueles que não dependem de estímulo se cerram.¹» O que é que isto significa? Eu não sei. Nem o Pai. Nem a Siobhan nem o Sr. Jeavons. Já lhes perguntei.

A Siobhan tem cabelo loiro comprido e usa óculos, que são feitos de plástico verde. E o Sr. Jeavons cheira a sabonete e calça sapatos castanhos que têm aproximadamente 60 buraquinhos circulares cada um.

Mas eu gosto de romances policiais sobre homicídios. Por isso estou a escrever um romance policial sobre homicídio.

Num romance policial sobre homicídio alguém tem de tentar perceber quem é o assassino e depois apanhá-lo. É um quebra-cabeças. Se for um bom quebra-cabeças, às vezes consegue-se descobrir a solução antes do final do livro.

A Siobhan disse que o livro devia começar com alguma coisa que prendesse a atenção das pessoas. Foi por isso que comecei com

¹ Encontrei isto num livro, na biblioteca da vila, quando a mãe me levou à vila uma vez.

o cão. Também comecei com o cão porque foi uma coisa que me aconteceu e é-me difícil imaginar coisas que não me aconteceram.

A Siobhan leu a primeira página e disse que era diferente. Ela colocou esta palavra entre aspas, fazendo o sinal de citação agitando o primeiro e segundo dedos. Ela disse que, nos romances policiais sobre homicídio, quem era morto eram normalmente pessoas. Eu disse que dois cães eram mortos em *O Cão dos Baskerville*, o próprio cão e o *spaniel* de James Mortimer, mas a Siobhan disse que eles não eram as vítimas do assassinato, mas sim o Sir Charles Baskerville. Ela disse que isto se devia ao facto de os leitores se importarem mais com pessoas do que com cães, por isso, se uma pessoa fosse morta no livro, os leitores queriam continuar a ler.

Eu disse que queria escrever sobre algo verdadeiro e que conhecia pessoas que tinham morrido, mas que não conhecia ninguém que tivesse sido morto, a não ser o pai do Edward lá da escola, o Sr. Paulson, e ele morreu devido a um acidente de asa-delta, não foi assassinado, e eu não o conhecia lá muito bem. Eu também disse que gostava de cães porque eles eram fiéis e honestos, e que alguns cães eram mais espertos e mais interessantes do que certas pessoas. O Steve, por exemplo, que vem à escola às quintas-feiras, precisa de ajuda para comer e nem sequer seria capaz de ir buscar um pau. A Siobhan pediu-me para eu não dizer isto à mãe do Steve.

A Polícia chegou. Eu gosto da Polícia. Os polícias têm fardas e números e sabemos o que é suposto eles estarem a fazer. Havia um polícia e uma mulher-polícia. A mulher-polícia tinha um pequeno buraco nos *collants* no tornozelo esquerdo e um arranhão vermelho no meio do buraco. O polícia tinha uma grande folha de árvore cor de laranja presa à sola do sapato, a espreitar de um dos lados.

A mulher-polícia colocou os braços em redor da Sr.^a Shears e conduziu-a em direcção à casa.

Levantei a minha cabeça da relva.

O polícia pôs-se de cócoras ao meu lado e perguntou: — Gostarias de me dizer o que se está a passar aqui, jovem?

Eu sentei-me e disse: — O cão está morto.

— Até aí já eu cheguei — disse ele.

Eu acrescentei: — Acho que alguém matou o cão.

— Que idade tens? — perguntou ele.

Eu respondi: — Tenho 15 anos, 3 meses e 2 dias.

— E o que é que estavas a fazer no jardim, ao certo? — perguntou ele.

— Estava a abraçar o cão — respondi eu.

— E porque é que estavas a abraçar o cão? — perguntou ele.

Esta era uma pergunta difícil. Era algo que me apetecia fazer. Eu gosto de cães. Ver que o cão estava morto fez-me ficar triste.

Eu também gosto de polícias, e quis responder à pergunta como devia ser, mas o polícia não me deu tempo suficiente para eu formular a resposta correcta.

— Por que é que estavas a abraçar o cão? — perguntou ele novamente.

— Eu gosto de cães — disse eu.

— Foste tu que mataste o cão? — perguntou ele.

Eu disse: — Eu não matei o cão.

— Esta forquilha é tua? — perguntou ele.

Eu disse: — Não.

— Pareces muito transtornado por causa disto — reparou ele.

Ele estava a fazer demasiadas perguntas e a fazê-las demasiado depressa. Elas estavam a amontoar-se na minha cabeça, como pães na fábrica onde trabalha o Tio Terry. A fábrica é uma padaria e ele opera as máquinas de fatiar. E às vezes uma dessas máquinas não trabalha com a rapidez suficiente, mas o pão não pára de vir e dá-se um bloqueio. Por vezes, penso na minha mente como se fosse uma máquina, mas nem sempre como uma máquina de fatiar pão. Faz com que seja mais fácil explicar às outras pessoas o que está a passar-se dentro dela.

O polícia disse: — Vou perguntar-te mais uma vez...

Voltei a enrolar-me em cima da relva e, mais uma vez, compri-me a testa contra o chão e fiz aquele barulho a que o Pai chama gemer. Eu faço este barulho quando está a entrar na minha cabeça demasiada informação vinda do mundo exterior. É como quando se está chateado e se segura o rádio de encontro ao ouvido, sintonizando-o entre duas estações, e tudo o que se consegue ouvir é estática; e depois aumenta-se o volume, até que esse barulho é tudo o que se consegue ouvir, e sabe-se que se está seguro porque não se consegue ouvir mais nada.

O polícia pegou-me no braço e obrigou-me a pôr de pé.

Eu não gostei que ele me tocasse desta maneira.

E foi então que lhe bati.

Este não vai ser um livro engraçado. Eu não consigo contar piadas porque não as percebo. Aqui está uma piada, como exemplo. É uma do Pai.

*His face was drawn but the curtains were real.*²

Eu sei porque é que é suposto isto ter piada. Perguntei. É porque a palavra *drawn* tem três significados, que são os seguintes: 1) desenhado com um lápis, 2) exausto, e 3) corridos em frente de uma janela. O significado 1 refere-se ao rosto e aos cortinados, o significado 2 refere-se apenas ao rosto e o significado 3 refere-se apenas às cortinas.

Se eu tentar dizer a piada para mim próprio, fazendo com que a palavra signifique essas três coisas diferentes ao mesmo tempo, é como estar a ouvir três peças musicais diferentes simultaneamente, o que é incómodo e confuso, e não agradável como o som da estática. É como se três pessoas estivessem a tentar falar comigo ao mesmo tempo sobre coisas diferentes.

E é por isso que não existem piadas neste livro.

² A frase, em inglês, encerra um trocadilho com a palavra «drawn», para o qual não existe correspondente aceitável em português. Esse trocadilho é explicado no texto, sendo que uma das possíveis traduções será «O rosto dele estava desenhado mas os cortinados eram verdadeiros». (NT)

O polícia olhou para mim sem falar, durante algum tempo. Depois disse: — Vou prender-te por atacares um agente da autoridade.

Isto fez-me sentir muito mais calmo, porque é aquilo que os polícias dizem na televisão e nos filmes.

Depois ele continuou: — Aconselho-te vivamente a entrares para a parte de trás do carro da Polícia, porque se tentares outra vez mais alguma gracinha, sua peste, vou mesmo perder a paciência. Percebeste?

Caminhei até ao carro da Polícia, que estava estacionado do lado de fora do portão. Ele abriu a porta de trás e eu entrei lá para dentro. Ele sentou-se ao volante e, pelo rádio, contactou a mulher-polícia que ainda estava dentro de casa. Ele disse: — O patifório acabou de me agredir, Kate. Podes ficar com a Senhora S enquanto eu o deixo na esquadra? Eu peço ao Tony para passar por cá, para vir buscar-te.

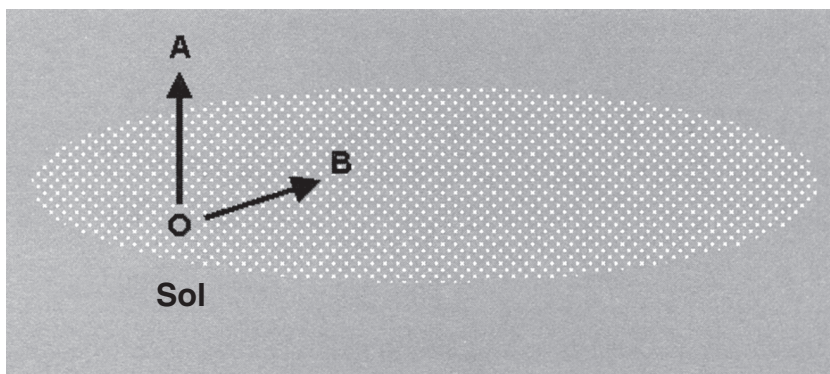
E ela respondeu: — Claro. Encontramo-nos mais tarde.

O polícia disse: — Certíssimo —, e arrancou com o carro.

O carro da Polícia cheirava a plástico quente, a loção para a barba e a batatas fritas de restaurante.

Observei o céu à medida que nos dirigíamos para o centro da cidade. Estava uma noite clara e podia ver-se a Via Láctea.

Algumas pessoas pensam que a Via Láctea é uma fila comprida de estrelas, mas não é. A nossa galáxia é um disco enorme de estrelas, com cem mil anos-luz de diâmetro, e o sistema solar está algures próximo da margem exterior do disco.



Quando se olha para a direcção A, a 90° do disco, não se vêem muitas estrelas. Mas quando se olha na direcção B, vêem-se muito mais estrelas, porque se está a olhar para o corpo principal da galáxia e, na medida em que a galáxia é um disco, vê-se uma barra de estrelas.

E depois pensei sobre como, durante muito tempo, os cientistas se sentiram intrigados pelo facto de o céu ser escuro à noite, embora existam milhões de milhões de estrelas no universo e devam existir estrelas em qualquer direcção que se olhe, pelo que o céu devia estar inundado pela luz das estrelas, pois existe muito pouco no caminho que impeça a luz de chegar à Terra.

Depois chegaram à conclusão de que o universo estava a expandir-se, que as estrelas estavam todas a afastar-se rapidamente umas das outras após o Big Bang, e quanto mais afastadas de nós estavam as estrelas, mais depressa se moviam, algumas delas deslocando-se tão rapidamente quanto a velocidade da luz, razão pela qual a sua luz nunca chegava até nós.

Gosto deste facto. É algo que podemos perceber na nossa cabeça só por olharmos para o céu por cima de nós, à noite, e pensar, sem termos de perguntar nada a ninguém.

E quando o universo acabar de explodir, todas as estrelas perderão velocidade, como uma bola que foi atirada ao ar, e irão parar e todas elas começarão a cair novamente em direcção ao centro do universo. Então não haverá nada que nos impeça de ver todas as estrelas do mundo, pois todas elas estarão a vir na nossa direcção, gradualmente cada vez mais depressa, e saberemos que o mundo

irá acabar em breve, porque quando olharmos para o céu, à noite, não haverá escuridão, mas sim a luz resplandecente de triliões e triliões de estrelas, todas a cair.

Só que ninguém verá isto, porque não restarão quaisquer pessoas na Terra. Provavelmente, por essa altura, já foram todas extintas. E mesmo que ainda existam pessoas, elas não verão nada, porque a luz será tão brilhante e quente, que toda a gente morrerá queimada, mesmo que vivam em túneis.

19

Nos livros, normalmente são atribuídos aos capítulos os números cardinais 1, 2, 3, 4, 5, 6 e assim por diante. Mas eu decidi dar aos meus capítulos os números primos 2, 3, 5, 7, 11, 13 e assim por diante, porque gosto de números primos.

Compreende-se o que são números primos da seguinte forma.

Primeiro, anotam-se todos os números inteiros positivos do mundo.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
31	32	33	34	35	36	37	38	39	40
41	42	43	44	45	46	47	48	49	<i>etc.</i>

Posteriormente retiram-se todos os números que são múltiplos de 2. A seguir retiram-se todos os números que são múltiplos de 3. Depois retiram-se todos os números que são múltiplos de 4 e 5 e 6 e 7 e por aí fora. Os números que restarem são os números primos.

	2	3		5		7			
11		13				17		19	
		23						29	
31						37			
41		43				47			<i>etc.</i>

A regra para compreender os números primos é muito simples, mas nunca ninguém formulou uma regra simples que nos diga se um número muito grande é um número primo, ou qual será o seguinte. Se um número for muito, muito grande, um computador pode demorar anos até descobrir se ele é um número primo.

Os números primos são úteis para escrever mensagens em código e na América são classificados como Material Militar, e se descobrirmos um com mais de cem dígitos, temos de dizer à CIA e eles compram-no por 10 000 dólares. Mas esse não seria um modo lá muito bom de ganhar a vida.

Os números primos são aquilo que resta depois de retirarmos todos os padrões. Acho que os números primos são como a vida. São muito lógicos, mas jamais seríamos capazes de determinar as regras, nem que passássemos todo o nosso tempo a pensar sobre elas.